

# Escadinhas de Xentra

**E**sparsa sobre colinas e declives, salpicando de branco, pastel ou rosa, a majestosa encosta do Castelo dos Mouros e as vertentes suaves de S. Pedro de Penaferrim, tem-se como natural que Sintra exiba aos seus visitantes dezenas de escadarias de pedra, as tão populares *escadinhas*.

Ora talhadas em rochedos, ora cingidas ao casario medieval, ora, ainda, ladeando frondosos jardins; umas desenhadas em linha recta, outras serpeando caprichosas entre muros, outras ainda espreguiçando-se languidamente em curvas suaves; algumas, singelas, modestamente confinadas a meia dúzia de degraus, outras vistosas e imponentes, as *escadinhas* de Sintra foram, geralmente, feitas para encurtar distâncias, poupando tempo e esforço aos residentes, nas suas deslocações vicinais.

Àqueles que não conhecem o velho burgo e a ele acorrem em busca dos seus afamados encantos, elas conduzem-nos surpresas a exóticos recantos e a soberbos miradouros.

Os nomes das *escadinhas* estão associados aos dos locais que servem (Escadinhas da Fonte da Pipa, das Murtas, da Estação, do Hospital, da Vigia), a pessoas e instituições (Escadinhas dos Clérigos, do Teixeira, de Lord Byron), ou a serviços e repartições a que davam acesso (Escadinhas da Audiência, da Assembleia)...

Tão antigas como o mais primitivo povoado, as mais delas há muito perderam a conta aos viandantes que desde há séculos as têm calcorreado. As mais ditosas, orgulham-se de terem sido pisadas por reis, fidalgos, cortesãos ou artistas.



js/arquivo - isabel santos

Outras, mais humildes, sempre se contentaram com os pés calejados dos saloios e dos aguadeiros, ou com as tamancas das moçoilas, descendo para a várzea ou para o lavadouro, com trouxas de roupa à cabeça.

Ah, se as *escadinhas* de Sintra pudessem contar os segredos que guardam!... Quantos namoricos, serenatas e galanteios, quantos encontros furtivos de amantes, quantas fofocas de vizinhas, quantas divagações arrebatadas de artistas, quantos desígnios de Estado até, elas escutaram impassíveis; de quantos planos de conjuras e traições, de quantos crimes e dramas foram palco... Tudo testemunharam, de tudo foram confidentes, mudas e eternamente fiéis...

Com o progressivo esvaziamento humano do Centro Histórico e com a transformação dos costumes, as *escadi-*

*nhas* foram perdendo o uso. Hoje em dia, muitas estão abandonadas e esquecidas e algumas, por falta de manutenção, desfazem-se aos poucos, caminhando para a ruína total, perante a revoltante indiferença da edilidade...

É o que se passa com as Escadinhas da Vigia, que há pouco tempo descobri. Apesar da sua surpreendente beleza e privilegiada localização, desagregam-se dia após dia. Erguem-se desde o Largo Sousa Brandão (onde começa a Calçada de São Pedro) até um pequeno paraíso, oficialmente baptizado de Miradouro da Condessa de Seisal (D. Maria) – assim reza um discreto pedestal de granito –, mas mais conhecido por Miradouro da Vigia.

O Miradouro da Vigia é um pequeno jardim com bancos, construído num lugar de sonho. Trata-se, na minha opinião, de um dos mais

bonitos e pitorescos sítios de Sintra. Não só pela própria beleza do local, mas sobretudo porque dele se desfruta uma deslumbrante panorâmica da vertente nordeste da serra, proporcionando um enquadramento fabuloso da trilogia composta pelo Castelo dos Mouros, pelo Palácio da Pena e pelo palacete revivalista conhecido como Castelo de S. Gregório, em que cada um dos três monumentos parece brotar, qual flor cósmica, de um majestoso e luxuriante pedestal verde.

Quem, pela vez primeira, escalar as Escadinhas da Vigia e resistir à tentação de, como a mulher de Lot, se voltar para trás antes de atingir o ponto mais alto, não só não se transformará em estátua de sal (o fatal castigo da personagem bíblica), como não deixará de abrir a boca de espanto, quando, ao atingir o ponto mais alto, finalmente se voltar. É esmagadora a beleza do quadro com que se depara!

Vale, por isso, a pena estacionar o popó cá em baixo, sob o arvoredado, e lançar-se à descoberta da jóia escondida... Inicialmente, o que se pisa é uma calçada de calcário branco, sóbria mas bem conservada. Depois, quando se começa a escutar o trinado de pintassilgos e melros e o protesto tímido de algum cão pouco habituado a vultos estranhos, surgem os degraus esconsos e incertos do vetusto escadório. Há que subir devagar, não só porque o piso é traiçoeiro, mas também porque é importante saborear o néctar em pequenos tragos... Apesar da melancólica decadência e do abandono, o local é fascinante. Até as ruínas de uma (outrora) imponente casa situada a meio da encosta, cujas paredes decrepitas resistem heroicamente à erosão do tempo, parecem ter surgido de um conto de fadas...